

Resenha

MUNHOZ, Sidnei José; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira (Orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: Séculos XX e XXI**. Maringá: EDUEM, 2011 (576 p.).

As relações Brasil/EUA nos séculos XX e XXI

Tiago João José Alves*

O livro reúne artigos que tratam sobre as relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América nos séculos XX e XXI. As temáticas são variadas e foram abordadas por pesquisadores brasileiros e estadunidenses.

O tema tem grande relevância para o conhecimento histórico, para estudantes, pesquisadores e profissionais. Algumas justificativas podem alargar ainda mais a sua importância. A primeira está relacionada à relevância dos dois países no cenário mundial. Brasil e EUA são duas grandes nações do Ocidente: possuem extensos territórios, indústrias, grandes populações e muitos recursos naturais. Além disso, resguardam influência e poder de decisão junto às outras nações. A segunda se identifica com a atualidade do tema. Nos últimos anos, os EUA estão associados à crise internacional, à corrida contra o terrorismo e às guerras em que se envolveram no Iraque e Afeganistão. Já o Brasil, se esforça na meta de se consolidar como uma potência regional e articuladora de um bloco de países. O terceiro motivo se dá pelo fato de que nas escolas e nas próprias universidades brasileiras são escassos os estudos e a atenção dada às relações internacionais



dos EUA e do Brasil. Negligenciar o conhecimento histórico sobre a maior potência do planeta trata-se de um equívoco, pois o Brasil teve nos EUA o seu principal parceiro e, em muitas situações, um grande rival. O livro vem justamente contribuir com esses debates.

Para uma melhor compreensão das temáticas abordadas, ele foi dividido em duas partes. A primeira parte trata do assunto sob uma visão histórica e cronológica. A segunda parte aborda algumas particularidades do tema, desvendando as especificidades das relações.

Em *Brasil e Estados Unidos: dois séculos de relacionamento*, Frank D. McCann apresenta um resumo das relações estabelecidas entre as duas nações do Império até a República no Brasil. McCann busca pontuar que as relações, sob longa duração, não foram lineares. Essas afinidades apresentaram tensões, conflitos e contradições.

Em *Estados Unidos: farol e polícia da América Latina*, a historiadora Mariana Martins Villaça traça um cenário das intervenções dos EUA nos países latino-americanos. Para Villaça, apesar dos EUA se reivindicarem como uma nação democrática e liberal, suas ações foram expansionistas. A ideologia dos EUA

esteve baseada na ideia de uma “sagrada missão de civilizar” os outros povos.

Em *A participação conjunta de brasileiros e norte-americanos na Segunda Guerra Mundial*, de Frank McCann e Francisco César Alves Ferraz, é feito um levantamento da participação do Brasil, como aliado dos EUA, na II Guerra Mundial. Os autores acreditam que a Guerra produziu uma profunda mudança no Brasil; A participação do país permitiu a melhoria da infraestrutura do país, incentivou a agricultura, a indústria, a mineração e a siderurgia. Os EUA atuaram diretamente nesse progresso, contribuindo com apoio técnico e financeiro em diversas frentes.

Em *Na Gênese da Guerra Fria: os EUA e a repressão ao comunismo no Brasil*, Sidnei J. Munhoz analisa o contexto da Guerra Fria e os seus impactos no Brasil. A preocupação do autor está em discutir o surgimento de novos governos e as mudanças institucionais ocorridas em vários países do subcontinente. O autor aborda o surgimento, no pós-guerra, de regimes permeados por conteúdos anticomunistas e repressivos. Sua intenção é situar a relação entre essa repressão e às políticas elaboradas pelos EUA no contexto anticomunista da Guerra Fria.

No artigo *O Populismo e as Relações Brasil-EUA (1945-1964): a dialética do alinhamento e da autonomia*, Paulo Visentini estuda as incongruências das relações bilaterais de Brasil e EUA. Visentini demonstra que em alguns governos houve alinhamento/barganha e, em outros, momentos de tensão.

Em *As relações Brasil-EUA durante o regime militar (1964-1985)*, do mesmo autor, se apresenta uma tentativa de romper com as visões estereotipadas acerca do contexto do regime militar brasileiro. Para o autor, essas relações bilaterais extrapolam o conceito de

conexão diplomática de Estados nacionais. Visentini discute que, apesar das aparências, durante o regime militar, nem sempre o Brasil foi totalmente subordinado aos interesses dos EUA.

Em *As relações Brasil-Estados Unidos durante os governos de FHC*, Paulo Roberto de Almeida faz um panorama histórico das relações bilaterais. Para o autor, o governo FHC conseguiu nutrir o país de boas relações diplomáticas com os EUA. Paulo Roberto constata que durante o governo de Bill Clinton, a amizade entre os dois presidentes contribuiu para o bom fluir das relações. Já no governo de George Bush, esse fator diminuiu, mas o Brasil já havia conquistado reconhecimento no cenário internacional. Destarte, o Brasil havia consolidado uma visão pragmática no campo das relações diplomáticas, privilegiando o multilateralismo.

No capítulo final da primeira parte do livro: *A Política Externa do governo Luís Inácio Lula da Silva e as relações com os Estados Unidos da América*, Ricardo Cabral analisou os conteúdos mais atuais da política externa brasileira. Cabral aponta que a diplomacia brasileira se comprometeu em defender o multilateralismo, o pragmatismo, a confiabilidade, o desenvolvimento e a previsibilidade. Outro importante fator foi a introdução da temática social na agenda internacional. Sustenta que o Brasil tem ocupado um papel de líder na integração regional, atuando na estabilização de conflitos, servindo de interlocutor e de fator de desenvolvimento.

Quem inicia a segunda parte do livro é Sonny Davis, com o artigo *As relações militares entre o Brasil e os Estados Unidos no século XX*. O autor dialoga que a conexão estabelecida entre os dois países no século XX foram especiais na região, e que a II Guerra Mundial tratou

de selar esse contato. Davis faz um histórico desde os primeiros contatos das relações militares entre os dois países. Discute que apesar do Brasil ter recebido uma grande ajuda financeira dos EUA, ao longo do século XX, esse aporte teria ficado aquém das expectativas das autoridades brasileiras.

Alexandre Busko Valim, no capítulo *Da Boa Vizinhança à Cortina de Ferro: Política e cinema nas relações Brasil-EUA em meados do século XX*, investiga as relações do Brasil/EUA representadas no cinema estadunidense. Valim elegeu dois períodos, o da Política da Boa Vizinhança e o contexto inicial da Guerra Fria. Para o autor, a indústria cinematográfica se empenhou na edificação de um aparato de convencimento ideológico. Essa indústria, ademais de cumprir um papel político, ainda fornecia uma fonte de recursos financeiros e servia como um meio de entretenimento. Esse cálculo teria sido conscientemente pensado por Washington/ Hollywood, e tinha o intuito de engrandecer os EUA e desprezar os inimigos.

No artigo *Internacionalismo trabalhista: o envolvimento dos EUA nos sindicatos brasileiros (1946-1964)*, Cliff Welch trata do envolvimento dos EUA nos sindicatos brasileiros. A formalização dessa participação, segundo o autor, teria ocorrido durante os anos do pós-guerra. O autor defende que as elites dos EUA entendiam que era necessário ensinar as elites brasileiras a conduzirem as relações trabalhistas para afastar o risco comunista e o enfraquecimento do capitalismo.

Em *Opondo-se à Ditadura nos Estados Unidos: direitos humanos e a Organização dos Estados Americanos*, James Green apresenta um panorama sobre a participação de exilados brasileiros, que atuaram para pressionar o fim das violações aos direitos humanos feitas pelo governo brasileiro. Mais precisamente, examina as ações que visavam fazer com que a OEA investigasse as torturas e maus tratos desferidos pela Ditadura contra seus opositores.

Encerrando o livro, Francisco Carlos Teixeira da Silva, em *As dimensões de segurança e a defesa nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos em face do 11 de Setembro de 2001*, tece um posicionamento do Brasil no marco da crise gerada pelos atentados terroristas às Torres Gêmeas. Comenta a forte pressão das autoridades estadunidenses para que o Brasil se posicionasse a favor dos EUA. Discute que, apesar do Brasil ter se posicionado pela recusa à violência e pela busca de mecanismos multilaterais para responder aos ataques, o governo brasileiro demonstrou certo despreparo na caracterização da Nova Ordem Mundial. Faz também um levantamento dos debates em torno da defesa na Tríplice Fronteira.

Apesar de não ter sido possível abordar todos os aspectos das relações Brasil/EUA, o livro ajuda a consolidar essa linha de pesquisa. Com a mesma intensidade, nos faz refletir sobre as noções de soberania nacional e relações internacionais. Pode ser uma boa leitura aos interessados em conhecer mais do nosso Tempo Presente.



* **TIAGO JOÃO JOSÉ ALVES** é Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi Bolsista da CAPES, é pesquisador associado do Laboratório de Estudos do Tempo Presente.